



Pai João vai morrer: Tristeza e escravidão na poesia de Jorge de Lima

Livramento Fernanda de Lima Araújo
Claudenice da Silva Souza

Universidade Federal de Campina Grande (livfernanda2@gmail.com)
Universidade Federal de Campina Grande (clau909silva@gmail.com)

O presente trabalho tem como objetivo explicar um pouco sobre questões referentes ao debate étnico-racial, mais especificamente a escravidão aqui no Brasil nos séculos passados. Para isso, precisamos revisitar nossas ideias e nossos conhecimentos acerca do tema, que foram construídos ao longo de nossas vidas, pois todos nós crescemos sabendo da história da escravidão arraigada à nossa herança cultural. Dentre o grande leque de autores brasileiros de escreverem a respeito do tema como, por exemplo, Castro Alves, Luís Gama, Joaquim Nabuco e Jorge de Lima, optamos por estudar um pouco de como é apresentada essa realidade na obra poética do autor de *Poemas Negros*, publicado em 1947, Jorge de Lima, no qual podemos contemplar o sofrimento diante do que ocorria com os negros na época da escravidão, o livro traz uma série de poemas que protagonizam o povo escravizado de uma forma sutil ou extremamente aguda, com versos mais que reais que retratam a trágica realidade das existências dos negros como escravos. O poema que servirá de base para compreensão da maneira como Jorge de Lima aborda a temática da escravidão é “Pai João”, homem de quem se fala ao longo de todo o poema, que é escrito em versos livres, sem rimas e apresenta uma espécie de narrativa. Esse senhor representa os negros como um todo e aplaca o coração de quem ainda se lembra das máculas causadas em cada um. Nosso embasamento teórico se dá a partir de Mattoso (1990), Rodrigues (2010) e um documento da Biblioteca Nacional (1988), que muito nos auxilia.

Palavras-chave: Escravidão, Poemas negros, Jorge de Lima, Pai João.

Introdução

Abordagens referentes ao debate étnico-racial tem tido evidências com desdobramentos nas estruturas curriculares e práticas pedagógicas brasileiras. Do ponto de vista educacional brasileiro, discutir sobre esse assunto é essencial, já que estamos diante do inevitável fato de sermos uma nação heterogênea e miscigenada. A escravidão, por exemplo, raiz de muitos de nossos problemas ligados a questões étnico-raciais, é tema de muita relevância ainda nos dias de hoje por fazer parte de nossa história como uma mancha.

A literatura, como faceta artística e humana que é, oferece para nós um amplo acervo de obras que trazem como tema essa abominável realidade que foi vivida por nós: a escravidão dos negros no nosso Brasil colônia. Autores como Castro Alves, Luís Gama, Joaquim Nabuco e Jorge de Lima, por exemplo, tematizam essa questão. Entre os muitos autores, escolhemos o poeta Jorge de Lima, nascido no século XIX, que em seu livro *Poemas Negros*, publicado em 1947, oferece um leque de poemas que de maneira

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



real e literária ao mesmo põe em evidência a dor e o sofrimento vividos pelos escravos aqui no Brasil.

Portanto, este trabalho se justifica pela importância de se trabalhar as experiências histórico-culturais na educação a partir do viés escravocrata que permeou nosso país – antiga colônia de Portugal. Sinalizamos que nossa pesquisa não se configura como uma sequência didática ou proposta educativa para a sala de aula, mas sim como sugestão reflexiva para os docentes que quiserem trabalhar o tema da escravidão em suas turmas com a leitura de poemas.

Por isso, é importante destacar a maneira como organizamos nosso trabalho, pois antes de mostramos o poema “Pai João”, escolhido para discussão e análise, fazemos uma pequena reflexão acerca da escravidão aqui no Brasil, levantamos questões como o surgimento, as tarefas que precisavam desempenhar com perfeição, as formas de torturas sofridas, dentre outras coisas. Em seguida, apresentamos o poema escolhido e tecemos comentários acerca de como Jorge de Lima lida com o tema nos versos.

Uma breve explanação sobre a escravidão no Brasil

Quando pensamos em escravidão precisamos, obrigatoriamente, levar em consideração que os negros foram retirados de seu meio e que ao chegar aqui necessitaram se adequar a uma nova cultura, a novas pessoas e principal e tristemente a uma nova e triste realidade: perda da liberdade e por que não dizer de sua própria identidade, isso se levamos em consideração que quando se está em seu próprio meio, os valores, a família, as regras e o trabalho dizem quem se é. Porém, quando tudo isso muda abrupta e rudemente começa-se a pensar no que se é. Eis mais ou menos o que entendemos acerca de toda a problemática chamada *escravidão no Brasil*.

Sobre isso, Mattoso (1990) explica que os negros ao deslocarem-se para cá passam por uma dessocialização do seu indivíduo, ou seja, eles haviam sido arrancados de seu meio social, de suas famílias, de seu clã. Ao serem obrigados a sair de seus espaços, de suas raízes e virem trabalhar forçados acabam se transformando em mercadoria e é exatamente isso em relação a esse fato que ocorre a reconstrução de personalidade. Como ficam como indivíduos, como seres humanos? É no novo meio que buscam uma identidade, com as relações de subserviência obrigatórias com o seu senhor, com a



família que agora servem, com as novas pessoas – muitas vezes de etnias diferentes da sua – que conhecem e com os lugares – fazendas, sertões, mineradoras – que agora habitam. Seu mais novo lar.

A personalidade social dos mesmos se desdobrou de duas maneiras principais, como destaca Mattoso (1990), uma que tinha a ver com os vínculos econômicos, afetivos e religiosos com a comunidade escrava a qual começavam a pertencer desde sua chegada; a outra era obrigatoriamente a relação dos escravos com os seus senhores, aos quais deviam obediência, fidelidade e humildade. Nesse ponto, chamamos atenção para o termo utilizado: senhor – pronome de tratamento – que demonstra a subserviência e a maneira pela qual deviam se referir a seus donos numa relação hierárquica. Aprender a língua portuguesa, aceitar e crer na religião católica e se adaptar ao trabalho escravo se constituíam como tarefas indispensáveis e que deviam compor a identidade dos novos habitantes da terra, a mercadoria humana que enriquecia os bolsos dos senhores.

A escravidão é um mal que assola o Brasil desde poucos depois de nossa colonização. A demanda dessas pessoas vindas de vários lugares da África (Sudão, Líbano, Congo, entre outros) cresceu aos poucos e se tornou essa mancha na história. Para sermos mais exatos a respeito, de acordo com Rodrigues (2010),

surgiu como problema brasileiro quando, faltando o índio que sucumbia ou era protegido pelos jesuítas, e começando a escassear os braços para a lavoura e, mais tarde, para o trabalho das minas, **se criou um comércio de escravos direto**, entre a nova Colônia e a África (p. 20, grifo nosso).

Por falta de mão de obra tornou-se necessário, em pleno desenvolvimento do país, a busca por auxílio. Para tal, a escravização nasceu como forma eficiente de sanar o desfalque de trabalhadores presentes nas lavouras e demais lugares que necessitassem. Como vimos no trecho citado acima, os índios estavam na situação de subserviência e trabalhos forçados antes de vários negros serem trazidos para cá. Por motivos como desgaste físico diante da situação em que viviam e/ou pela proteção que recebiam dos padres jesuítas, seus catequizadores, foram aos poucos sendo retirados dos trabalhos braçais, funções que realizavam, para dar lugar aos substitutos.

Os negros compunham a economia da colônia brasileira agindo através de seus esforços em campos cafeeiros, canaviais e demais ou sendo o próprio produto de comércio. Ao fim, “mais não eram do que simples máquinas ou instrumentos de trabalho” (ROBRIGUES, 2010, p. 21), que favoreciam o crescimento de capital para seus donos através da força bruta que podiam oferecer.



Em documento da Biblioteca Nacional (1988), há a opinião de André João Antonil, jesuíta no século XVI aqui no Brasil, sobre a importância dos negros para a existência dos engenhos: “**os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho**, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar a fazenda, nem ter engenho corrente” (p. 9, grifo nosso). Ou seja, havia uma consciência geral da relevância e utilidade do trabalho realizado por eles. É tanto que os senhores chegavam a usar das escravas como reprodutoras a fim de perpetuar a mão de obra humana de que dispunham. Nesse sentido, conseguiam a partir de seu produto usufruir ainda mais e gerar o aumento de trabalhadores escravos. Sendo assim, podemos afirmar que talvez chegasse uma época em que já não era mais necessária a compra, pois o produto era feito dentro das senzalas, nos matos ou em qualquer lugar que fosse. As mulheres negras eram verdadeiras fábricas humanas.

Serviços domésticos e urbanos, agricultura e ofícios eram os pontos de trabalhos dos negros aqui no Brasil. Os do campo trabalhavam para aquilo que era o próprio sentido da colonização, de acordo com o documento da Biblioteca Nacional (1988), ou seja, a exportação da cana-de-açúcar, de produtos como café, fumo, algodão e também, como não poderia deixar de mencionar, a extração de metais preciosos, que com certeza dava dinheiro aos senhores, enriquecendo-os cada vez mais.

Aqueles considerados de ofício moíam a cana e preparavam o açúcar, dentre outras funções como a olaria e a sapataria etc. Como afirma o documento, “no século XIX, não foram poucos os escravos que trabalharam como operários em nossas primeiras fábricas” (p. 9). No caso, eram os escravos tidos como de ofício que desempenhavam essas funções sendo excluídos, portanto, aqueles tidos como escravos do campo ou domésticos. Estes, como o nome já indica, faziam praticamente todos os serviços das casas-grandes e das casas do meio urbano também, que consistiam em, por exemplo, retirada de lixo, carregamento de água, transporte de fardos pesados de um lugar para outro e, absurdamente, deslocamento de seus senhores em redes, cadeiras e palanquins.

Além dessas delimitações das funções, o documento nos mostra ainda outras, como negros de ganho e de aluguel. Aqueles podiam ir em busca de trabalho nas ruas desde que dividissem o que ganhassem com seus donos e estes eram alugados para desempenhar diversos serviços e, obviamente, quem ficava com o dinheiro eram os donos.

O documento relata que nas épocas de safra, nas lavouras de exportação e nas minas, os negros trabalhavam cerca de até 14 ou 16 horas. É claro para todos que as vestimentas não eram boas e que a exposição ao sol escaldante não



favorecia em nada a saúde e a produtividade deles. Viviam em senzalas, amontoados, condicionados a um ambiente deplorável para as condições humanas, sem tratamento para as doenças¹ que adquiriam decorrentes justamente das habitações subumanas nas quais eram obrigados a ficar.

Em relação aos castigos, é sabido por todos que eram diversos e cruéis, assim como o próprio ato de escravizar o seu semelhante. É comum vermos em filmes, documentários ou telenovelas formas de torturas como castigos para os “erros” que os negros cometiam, como, por exemplo, tentar uma fuga ou não realizar o trabalho no tempo devido.

Ao consultar uma enorme documentação, Mattoso (1990) explica que os castigos não eram tão constantes e nem ocorriam com a mesma intensidade sempre. Eles eram mais comuns nas lavouras, destaca a autora, e tinham relação com faltas gravíssimas que porventura cometessem. Os castigos iam de açoites, marcas a ferro quente, imobilização no tronco até, cruelmente, esmagamento de dedos e corte de orelhas a fim de machucá-los para que assim eles tivessem medo e não incorressem nos mesmos erros. De acordo com ela, embora os castigos ocorressem, o interesse maior dos donos de escravos não era maltratar sua mão de obra, pois isso poderia afetar diretamente a produtividade em seus engenhos, que era o que de fato lhes interessava.

Confessamos que essa constatação da autora muito nos surpreendeu tendo em vista os grandes horrores praticados pelos brancos na época da escravidão. É fato que os maus tratos ocorreram de veras e que não foram poucos, mas o que Mattoso (1990) defende é que não aconteciam de maneira tão constante. Os senhores donos de escravos não tinham como objetivo maior fazer sofrer seus objetos de lucro, não queriam perder sua mercadoria, saíam no “prejuízo”.

O poema Pai João

O poema que servirá de base para compreensão da maneira como Jorge de Lima aborda a temática da escravidão é Pai João, homem de quem se fala ao longo de todo o poema. O livro ao qual pertence é *Poemas Negros*, publicado em 1947, com a temática já indicada pelo título, o livro traz uma série de poemas que protagonizam os negros e os sofrimentos

¹ Por causas das habitações precárias em que viviam, os negros eram “frequentemente vítimas de doenças que se tomavam endêmicas, como a tuberculose, disenteria, tifo, sífilis, verminose, malária” (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988, p. 10)



vivenciados por eles aqui no Brasil de uma forma sutil ou extremamente aguda, com versos mais que reais que retratam a trágica realidade das existências dos negros como escravos.

Antes de irmos para o poema que escolhemos, falamos um pouco de um outro que muito exemplifica o que estamos e pretendemos ainda discutir neste trabalho: *Maria Diamba*. Nele, a temática do sofrimento do negro é colocada de forma excepcional. O primeiro verso é já chocante e primordialmente real, a pobre Maria Diamba, como podemos inferir, apanhava demais e para que não continuasse a sofrer os maus tratos que vinha passando “falou que sabia fazer bolos”. Sua saída é encontrar uma função na qual pudesse servir para que assim lhe diminuíssem ou cessassem as brutalidades com ela cometidas. Através dos versos do poema se desenha para nós a crua realidade em que essa mulher viveu. Pretendendo uma saída para o sofrimento, ela vê a possibilidade de ir para a cozinha. Junto a isso, ela foi ainda outras coisas, que o eu lírico não especifica. É a serventia dos negros em diversas incumbências nos quais pudessem ser úteis. A ideia que o autor com certeza quis passar através disso é a da servidão ao homem branco e a noção de trabalho para o outro numa relação hierárquica em que aquele que serve está obrigatoriamente abaixo.

Passemos agora a Pai João:

Pai João

Pai João secou como um pau sem raiz.

Pai João vai morrer.

Pai João remou nas canoas

Cavou a terra.

Fez brotar do chão a esmeralda,

Das folhas - café, cana, algodão.

Pai João cavou mais esmeraldas.

Que Pais Leme.

A filha de Pai João tinha peito de

Turina para os filhos de Ioiô mamar:

Quando o peito secou a filha de Pai João

Também secou agarrada num

Ferro de engomar.

A pele de Pai João ficou na ponta

Dos chicotes.

A força de Pai João ficou no cabo

Da enxada e da foice

A mulher de Pai João o branco

A roubou para fazer mucamas.

O sangue de Pai João se sumiu no sangue bom

Como um torrão de açúcar bruto

Numa panela de leite. -



Pai João foi cavalo pra os filhos de Ioiô montar
Pai João sabia histórias tão bonitas que
Davam vontade de chorar.

Pai João vai morrer.
Há uma noite lá fora como a pele de Pai João.
Nem uma estrela no céu.
Parece até mandinga de Pai João.

O poema de Jorge de Lima é escrito em versos livres, sem rimas e apresenta uma espécie de narrativa sobre “Pai João”, o mesmo que dá nome ao poema. Esse senhor representa os negros como um todo e aplaca o coração de quem ainda se lembra das máculas causadas em cada um. É possível ver atrelada aos versos a história, também, de seus familiares. Criação poética ou ser que existiu além do poema, ele é todos os seus em um.

Aos poucos as informações vão sendo apresentadas pelo eu lírico acerca do escravo. É interessante observar que seu nome é *Pai João*, um pai conhecido como progenitor e protetor dos seus. O negro trabalhou muito e, por isso, “secou como um pau sem raiz”. O pobre homem não teve mais como fincar-se ao chão, pois não tinha forças para tal feito em prol de si, esse é o verso que inicia o poema, uma afirmação cruel e incisiva, assim como a visão do eu lírico.

Sabemos muito bem que os negros trabalhavam até perderem suas vidas, até seus corpos não suportarem mais o excessivo esforço que faziam. De acordo com o documento da Biblioteca Nacional (1988), a vida útil de trabalho deles era torno de sete a dez anos. Acreditamos que o documento fala isso no sentido de que os trabalhos tiravam as forças dos escravos, o que fazia com que eles perdessem a durabilidade, mesmo que não morressem muito cedo, passavam a não ter mais a mesma vitalidade depois de um tempo. O pobre Pai João representa bem essa realidade, em que já não era possível ter forças para a vida e ele havia secado, havia sido na verdade sugado pelos anos de trabalho.

No segundo verso está dito que ele vai morrer, algo esperado diante da vida desumana – em forma de trabalho animal, bruto – que viveu ao longo dos dias. Ao dizer isso, o eu lírico faz um tipo de previsão sobre o porvir. A partir do terceiro verso são apresentadas suas ações, tudo que fez de bom enquanto podia para seus patrões. De tudo um pouco realizou, desde remar em canoas – atitude que, dentro do poema, pode, também, representar o povo indígena, companheiros de sofrimento –, cavar terras e “brotar do chão esmeralda”.

Os escravos trabalhavam em minas na retirada
de metais preciosos. Relembrando a divisão do



trabalho demonstrada pelo documento da Biblioteca Nacional (1988), percebemos que Pai João era escravo do campo e que lá desempenhava as mais diversas funções, todas que rendiam lucro para o seu senhor e agora estava prestes a morrer sem ser levado em consideração toda a riqueza que gerou para os outros e nunca para si mesmo. Ele tinha utilidade para tudo, menos para ser gente como qualquer um outro que tinha direitos, como o branco que lhe oprimia.

Ele cavou mais que o Paes Leme, diz o eu lírico. Paes Leme foi um grande Barão dono de muitas terras. Talvez o sentido de seu sutil ataque ao lorde queira significar que sequer ele colocaria as mãos em algo que o fizesse trabalhar, afinal era nobre e não havia necessidade de tal atitude se tinha mão de obra escrava para dar conta de seus serviços. Sendo assim, definitivamente, *pai João cavou mais que Paes Leme*.

A segunda estrofe do poema fala a respeito da filha de Pai João. O eu lírico tece o que seria a breve história da negra sem denominação, cremos que seu nome não lhe traria a devida importância, já que seus próprios donos não a atribuíam. O primeiro fato apresentado diz respeito ao seio da filha do escravo. Ao dizer que eram feitos de “turina para filhos de Ioiô mamar” há a visão animalésca da serventia da filha de Pai João. *Turina* é um substantivo para vaca de leite, isto é, exatamente essa percepção que se tinha da mulher, como um bicho de ordenha para alimentar o outro e perder gradativamente as próprias forças.

O reaproveitamento da escrava nos parece ainda mais cruel, se não serve mais para uma função, tem de servir para outra. O seu destino dela é igual ao do pai, pois ao cessar o leite em seu seio materno é remanejada para ser engomadeira, até secar também, ou seja, mesmo que esgotadas as suas forças era preciso fazer algo.

No décimo quarto verso o eu lírico volta a falar do pai da negra. Dessa vez com uma visão ainda mais cruel da tortura que, como já foi dito, não representa somente este homem, mas os outros que passaram pelo mesmo: “A pele de Pai João ficou na ponta/ Dos chicotes”. Vemos neste verso uma das formas de agressão que os negros sofriam.

O quanto é doloroso ter a pele arrancada por um chicote? Pai João sabia, assim como tinha conhecimento do quanto era terrível perder a vitalidade na foice e na enxada. Além de ter sido retirado dele sua pele, foi também apanhado de si sua mulher. O verbo *roubar* indica bem o desrespeito pelo negro, pois ainda que fosse mulher de Pai João, não tinha importância, era um produto da escravidão e tinha sido roubado. O branco utilizou-a para fazer como mucamas. Novamente, chamamos atenção para a escolha lexical no poema: o verbo *fazer* indica a forma grotesca para que foi usada, reproduzir



mucamas, fazer novas mulheres para serem também usadas. Não tinha relevância o fato de ela ser esposa de um outro homem, pois este era negro e escravo, então podia ter até mesmo sua mulher retirada de si para ter relações com outros.

O sangue daquele pobre homem se esvaiu no sangue do branco, considerado bom. Como “um torrão de açúcar”, desmanchou-se, pois sua força sucumbira diante dos muitos trabalhos que precisava realizar para dar dinheiro ao seu senhor. A ênfase em relação ao homem branco é dada quando diz que seu sangue sumiu em uma panela de leite. Podemos pensar, neste momento, no leite utilizado para amamentar os seus e os de Ioiô, não somente na sua cor alva, mas em sua utilidade. Assim como um torrão de açúcar, o negro adoçava a vida dos que conviviam consigo, dando tudo de si obrigatoriamente, sem perder o encanto, como é narrado nos versos que se seguem.

Os últimos versos agregam um tom ainda mais tristonho ao poema. Quando é dito que o senhor escravo foi usado como brinquedo pelos filhos do seu dono, não há como não pensar em sua própria filha. Enquanto estava sendo sugada pelo mesmo e aproveitada até sua última gota de vida – referimo-nos ao fato de que ela servia de ama de leite, fato exposto no início do poema –, Pai João contava aos filhos de Ioiô belíssimas histórias que davam vontade de chorar. Pai João tinha o dom de fazer tudo, menos o de fazer as pessoas reconhecerem o seu coração.

A última estrofe traz uma espécie de aviso a respeito do escravo: “Pai João vai morrer”. Como é de se esperar por qualquer pessoa que passe por tanto desgaste físico e emocional, o pobre senhor não aguentou. Para marcar a sua morte o céu tingiu-se com sua cor, não havia lua para iluminar, apenas uma estrela que o representava, como se estampasse eternamente nos olhos de quem a visse sua marca aqui na terra enquanto escravo, enquanto ser humano escravizado – primordialmente – por seu semelhante.

Considerações finais

A escravidão dos negros será eternamente lembrada por nós e por aqueles que descendem dos que sofreram horrores em seu tempo. Ao discutirmos esse tema em nossa abordagem teórica pudemos nos aprofundar mais sobre a escravidão e perceber o quanto o ser humano tem a capacidade de ser cruel, brutal. É absurdo pensar que um dia pessoas foram usadas como bichos – burros de cargas, entre outros – ou até mais inferiores do que os animais, com o propósito de enriquecer o seu semelhante.

A verossimilhança encontrada nos poemas de Jorge de Lima é sutil e por vezes pesarosa. Seus versos narrativos nos mostram histórias de dor, sofrimento



e humilhação arraigados da mais pura realidade que perpassou nossa herança cultural. Louvável é a posição do poeta diante dos seus escritos ao retratar com tanta avidez a história dos negros. Pai João, peça fundamental do nosso estudo, representa uma nação que foi retirada brutalmente de sua terra mãe para viver situações degradantes para qualquer ser humano em um lugar que não lhes pertencia. Pai João morreu no poema, assim como os seus descendentes, porém permanecerá vivo em nossa memória.

Referências bibliográficas

LIMA, Jorge de. **Obra poética** (Edição completa em um volume, Organizada por Otto Maria Carpeaux). Rio de Janeiro: Editora Getúlio Costa, 1829.

MATTOSO, Katia M. de Queirós. **Ser Escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Para uma história do negro no Brasil. — Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988. 64 p.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 303 p. ISBN: 978-85-7982-010-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.